Anno de 1846. Terça feira 23 de Junho. Anno XXII N. 137.

O *DIARIO* publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel, *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 réis em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 réis por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE JUNHO.

Crescente a 2 as 3 horas e 9 minutos da manhãa.
Lua cheia a 9 a 1 hora e 15 minutos da tarde.
Minguante a 16 as 4 horas e 17 min. da manhãa.
Lua nova a 23 as 3 horas e 27 min. da tarde.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Goianna e Parahyba, Segundas e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas Quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas Quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo e Maceyó, no 1.°, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas Quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 4 h. e 30 minutos da tarde.
Segunda as 4 h. e 54 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.

22 Segunda S. Niceas, aud. do J. dos orf. e do J. do C. da 2. v. do J. M. da 2 v.
23 Terça S. Agripina, aud do J do civ. da 1. v., e do J de paz do 2. dist. de t.
24 Quarta ✠ Nascimento de S. João Baptista. Ind. nos Conv. do Carmo.
25 Quinta S. Prospero, aud do J. de orphãos, e do 1 municipal da 1. vara.
26 Sexta S. Virgilio, aud do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
27 Sabbado S. Ladislao, aud. do J. do civel da 1.ª vara, e do J de paz do 1.° dist. de t.
28 Domingo A Pureza de Nossa Senhora.

CAMBIOS NO DIA 22 DE JUNHO.

Cambio sobre Londres 26 ½ d. p 1$ a 60 d.
» » Paris 350 réis por franco.
» » Lisboa 105 % premio por mez.
Desc. de letras de boas firmas 1 ½ p. % ao mez.
Ouro—Onças hespanholas . 31$500 a 32$000
» Moedas de 6$400 vel. 16$700 a 16$800
» » de 6$400 nov. 16$200 a 16$400
» » de 4$000... 9$000 a 9$200
Prata—Patacoess. . . . . 1$950 a 2$000
» Pesos columnares 1$990 a 2$000
» Ditos Mexicanos. 1$960 a 1$980
» Miuda......... 1$700 a 1$800
Acções da Comp. do Beberibe de 50$000 aopar.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

Governo da Provincia.

EXPEDIENTE DO DIA 8 DO CORRENTE.

(*Conclusão.*)

Officio—Ao commandante das armas, accusando remessa de uma copia do aviso da repartição da guerra de 16 de maio findo, pelo qual se declara como se deve entender, quanto aos militares, o outro de 25 de setembro do anno proximo passado, que explicou a maneira, por que as presidencias devem usar da faculdade, que, para concederem licenças até trez mezes, lhes conferio o § 14, artigo 5.°, da lei n.° 38, de 3 de outubro de 1834.

Dito—Ao mesmo, inteirando-o de achar-se o primeiro cadete Aprigio Justinianno da Silva Guimarães licenciado pelo governo imperial, para continuar seus estudos no lyceu desta cidade.

Ditos—Ao presidente da relação e ao inspector da thesouraria de fazenda, remettendo copia do decreto imperial, que reintegra o desembargador aposentado da mesma relação, Gregorio da Costa Lima Belmont, e determina, que passe elle a ter exercicio na do Maranhão.

IDEM DO DIA 9.

Officio—Ao presidente da relação, scientificando-o de haver nomeado supplentes ao juiz municipal e d'orphãos do termo de Santo-Antão: — em primeiro lugar, ao coronel Tiburtino Pinto de Almeida; em segundo, ao capitão Zacarias Rodrigues de Souza; em terceiro, a Antonio Raymundo de Mello; em quinto, ao capitão Vicente Ferreira da Costa; e em sexto, ao major João Francisco de Araujo. — Igual communicação se fez ao inspector da thesouraria de fazenda, ao juiz de direito do crime, e ao municipal de Santo-Antão; e bem assim á respectiva camara.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, declarando, deve ser tirado do producto da arrematação dos serviços dos Africanos livres, recolhidos ao arsenal de marinha, a quantia necessaria para pagamento do que se tem despendido com o seu alimento, curativo e vestuario.

Dito—Ao inspector interino do arsenal de marinha, recommendando, inteire a João de Deos Cabral de ter sido indeferido o requerimento, em que elle pedia a S. M. o Imperador, lhe mandasse abonar a gratificação diaria de 1,600 reis pelo serviço, que, como amanuense, presta no mesmo arsenal.

Dito—Ao mesmo, determinando, agencie a compra, e remessa para o Rio-Grande-do-Norte, de mil saccas de farinha de mandioca. — Officiou-se á respeito ao inspector da thesouraria de fazenda.

Portaria—Ordenando, que a José da Costa Araujo se passe patente para o posto de capitão secretario geral da guarda nacional do municipio da Boa-Vista. — Participou-se ao respectivo commandante superior.

Commando das Armas.

EXPEDIENTE DO DIA 9 DO CORRENTE.

Officio—Ao presidente da provincia, significando-lhe, que o primeiro cadete, Joaquim Maria Mascarenhas Rozado, que, por aviso da repartição da guerra de 26 de maio ultimo, fizera passagem para o regimento n.°—de cavallaria da côrte, acha-se no gozo de tres mezes de licença, que obteve do Exm. presidente da provincia da Parahiba-do Norte; motivo, por que ainda não se lhe averbou, no primeiro batalhão de caçadores, a passagem determinada em anterior aviso.

Dito—Ao mesmo, enviando-lhe a relação nominal dos individuos, que, no mez proximo findo, assentárão praça nos corpos de linha da guarnição, sendo tres voluntarios, e um recrutado.

Dito—Ao mesmo, participando, que tivera hontem (8) execução o aviso da repartição da guerra de 14 de maio proximo passado, que mandou servir no segundo batalhão de artilharia á pé o reverendo capellão da fortaleza do Brum, Christovão de Hollanda Cavalcanti; e que havia nomeado temporariamente para exercer suas respectivas funcções naquella fortaleza ao reverendo capellão do exercito, Fr José de S. Jacintho Mavignier.

Dito—Ao mesmo, informando a petição do padre Mauricio Borges da Costa, que supplica exercer o lugar de capellão interino da fortaleza do Brum, com o que se acha expressado no officio antecedente.

Dito—Ao mesmo, informando o requerimento do soldado voluntario do segundo batalhão de artilharia a pé, Francklim do Rego Cavalcanti de Albuquerque Barros, que pede licença para continuar os seus estudos preparatorios.

Dito—Ao coronel commandante do segundo batalhão de artilharia a pé, exigindo uma relação nominal das praças de pret sob seu commando, que frequentão diversas aulas nesta provincia, com licença da presidencia, declarando desde quando, que disciplinas estudão, e aonde. — No mesmo sentido se officiou ao coronel commandante do primeiro batalhão de caçadores, e ao capitão commandante da companhia de cavallaria.

Dito—Ao mesmo coronel commandante do segundo batalhão, mandando apresentar os paisanos Francisco de Faria Lemos, e Manoel de Faria Lemos, filhos legitimos do fallecido major reformado Francisco de Faria Lemos, para que lhes abra assento de praça voluntaria no batalhão sob seu commando.

Dito—Ao tenente-coronel commandante do quarto batalhão de artilharia a pé, determinando, que o soldado João Bento Carneiro, vindo do Maranhão, ficasse addido, até que podesse ser enviado á provincia da Bahia, d'onde desertou, segundo as informações, que a respeito dava S. S em seu officio desta data.

Dito—Ao capitão commandante da companhia provisoria de guardas nacionaes em destacamento, mandando excluir o segundo sargento Herculano Alexandrino de Mello, que vai servir voluntariamente na companhia fixa de cavallaria de linha.

INTERIOR.

Rio-de-Janeiro.

DISCURSO,

QUE EM A CAMARA DOS DEPUTADOS, NA SESSAÕ DE 20 DE MAIO PROXIMO PASSADO, POR OCCASIAÕ DA DISCUSSAÕ DO VOTO DE GRAÇAS, PRONUNCIOU O SENHOR FERRAZ.

Sr. presidente, nos governos representativos, um gabinete, qualquer que elle seja, deve ter um pensamento politico e uma vontade, que lhe seja propria e pessoal: o lugar proprio do desenvolvimento ou antes da manifestação deste pensamento, he o discurso da corôa. Neste discurso cabe ao governo dar a conhecer com franqueza, precisão e clareza, quaes as medidas, que julga necessarias para a boa marcha da administração, ou os projectos principaes, de que nos devemos occupar durante a sessão. Esta manifestação deve trazer necessariamente as adhesões, ou resistencias da maioria e da minoria.

Infelizmente, Sr. presidente, a falla do throno, a que vamos responder, não póde preencher este fim. O gabinete não estava organisado, quando se deo a abertura das camaras: permaneciamos ainda em uma crise, e por consequencia era impossivel, que o gabinete, que ainda não estava organisado, que ainda não tinha uma existencia regular, indicasse a necessidade das medidas, que julgasse convenientes para a boa marcha dos negocios publicos. Desta falta se resente muito o contexto do mesmo discurso da corôa, e tanto, que nelle se deixa á camara o cuidado de escolher as medidas opportunas e acertadas para proteger a riqueza do paiz; e tanto, que nelle se diz, que a camara espere pelos relatorios, para tomar em consideração aquellas medidas por elles lembradas. Recorrendo aos relatorios, vemos, que forão elles confeccionados pelos ministros transactos, e não póde-nos servir de guia, por se acharem quasi ao todo baldos da indicação de medidas, que por ventura forem necessarias para a boa direcção dos negocios publicos.

Já vê, pois, a camara, que não posso, por maneira alguma, manifestar o meu pensamento, a minha opinião a respeito de um ministerio, cujas medidas e intenções ainda não conheço; e até por outra rasão, porque os nobres ministros nesta casa teem, por mais de uma vez, reclamado, que esperemos pelos factos, para dirigir-nos no voto, que devemos dar.

Nestas circumstancias, pois, Sr. presidente, eu não tomaria a palavra nesta discussão, se por ventura a materia, que contém o voto de graças, não me suscitasse certa repugnancia em dar-lhe o meu voto, e não me collocasse na dura necessidade de rebater certas doutrinas, e não contivesse uma apotheose ao ministerio passado. Aproveitarei esta occasião para agradecer e applaudir a nobre commissão, pelo facto de ter esperado pelos relatorios dos ministros, e por documentos, afim de bem fundar e formar a sua opinião, para apresentar um trabalho digno desta casa.

O Sr. Urbano: — Obrigado.

O Sr. Ferraz: — Foi sempre minha opinião, que o voto de graças era uma questão politica, que devia restringir-se áquillo, que era necessario e preciso, que não era um discurso de mero comprimento, mas sim uma materia, que devia envolver, em todo o caso, pensamentos politicos, a approvação ou reprovação do systema do gabinete. Foi sempre minha opinião, que esta era a occasião propria de instituirmos um exame sobre os actos da administração — exame, que, no principio de cada sessão, a camara dos Srs. deputados deve fazer, á vista do art. 173 da constituição do imperio.

A nobre commissão, no anno passado, luctou commigo sobre a necessidade deste exame; mas felizmente este anno merece todos os applausos, por reconhecer o verdadeiro merito e fim de uma discussão como esta.

O Sr. Limpo de Abreu: — Peço a palavra.

O Sr. Ferraz: — Mas, Sr. presidente, se eu applaudo á commissão por este lado, não posso deixar de, encarando em geral o seu trabalho, fazer algumas observações, já quanto á sua fórma, já quanto á materia, que contém.

Emquanto á fórma, Sr. presidente, direi, que, quando tratamos de responder a um escripto ou discurso, devemos muito attender: 1.°, ao contexto do mesmo escripto ou discurso; em 2.° lugar, á fórma ou estylo, de que devemos usar; e em 3.°, no caso presente, á organisação, ao pessoal e ao systema do gabinete existente.

Devemos attender ao contexto do discurso, que temos de responder, afim de que respondamos com clareza e precisão, e sem subterfugios, conformando-nos com as opiniões da materia, sem que accrescentemos cousa alguma, que não seja para approvar ou reprovar o pensamento do governo, ou indicarmos um melhor caminho e chamarmo-lo a seus deveres. Segundo a opinião de parlamentares distinctos, a resposta á falla do throno deve ser uma simples paraphrase da mesma falla, e em todo o caso deve cingir-se ás ideias e aos topicos, que ella contém.

E me parece tanto mais conveniente seguir esta regra, quanto he minha opinião, que não se deve desnaturar o voto de graças do caracter politico, que lhe he essencial, para dar-se-lhe o caracter das felicitações e de discursos de mero comprimento

O Sr. Marinho: — Peço a palavra.

O Sr. Ferraz: — Nisto parece-me, que a nobre commissão seguio outra vereda. Não só não restringio-se ao pensamento, ás ideias da corôa, não só accrescentou cousas, que não correspondem ás ideias contidas na falla do throno, mas ainda a respeito de certos objectos não exprimio-se com aquella clareza, que he de mister.

No segundo periodo do discurso do throno se nos diz, que a época da reunião dos representantes da nação he sempre aguardada com justa confiança pelos Brasileiros.

A commissão responde, que a camara ha de empenhar-se em corresponder á confiança da corôa e do paiz. Parece-me, que deviamos responder conforme o texto do discurso do throno « á confiança dos Brasileiros.»

No periodo sexto, a corôa, depois de annunciar, que todas as provincias gozão de paz, indica-nos este estado de paz como propicio para a execução de medidas, que protejão a riqueza do paiz.

A nobre commissão desviou-se inteiramente do pensamento da corôa; e depois de assignalar essa paz como beneficio da politica do ministerio passado, promette leis, que firmem essa tranquillidade, e assegura, que se aproveitará deste mesmo estado para a adopção de medidas, que protejão a riqueza do paiz.

Aqui ha dous pensamentos, que não me parecem muito claros. Aproveitar-se-ha o estado de paz para a adopção de medidas de protecção á riqueza do paiz, e não porque este estado facilita a execução dessas medidas? Em segundo lugar, preciso he que a commissão explique o seu pensamento, no que toca á promessa de leis, que firmem a paz, de que gozamos. A nobre commissão attribue esta paz á politica de clemencia, de moderação, de justiça e equidade; se assim he, parece, que basta a perseverança nesta politica, para firmar este estado de tranquillidade. Quererá a nobre commissão, que se adopte o systema opposto de repressão moral, de effectiva punição, de certeza de penas, systema, que a nobre commissão tem tanto estigmatisado? Desejára, pois, que a nobre commissão nos indicasse quaes as medidas necessarias para tornar mais estavel esta paz, de que gozão as provincias.

A nobre commissão não respondeo ao periodo decimo do discurso da corôa. Digo, que não respondeo, porque não posso crer, que o periodo sexto da resposta possa ser applicado e corresponder ao pensamento do mesmo periodo decimo da falla do throno, e ao contrario parece uma rasão de ordem dar resposta ao periodo, que diz respeito ás nossas questões com o governo inglez.

O Sr. Urbano: — Peço a palavra.

O Sr. Ferras: — O que diz a corôa? « Tenho procurado cultivar relações de boa intelligencia com todos os governos da Europa e da America » O que respondeo a nobre commissão? Nada; porque o periodo—entre os beneficios da civilisação do seculo actual, Senhor, cumpre reconhecer, como um dos mais importantes, aquelle, que subjeita com igualdade todas as nações ao tribunal da opinião do mundo. Esta opinião, ao mesmo tempo que generalisa as relações de boa intelligencia e amizade entre os estados, fortifica o direito de não ceder a aggressões injustas ou a pretenções exageradas —, parece-me isto mais um cabeçario do outro periodo, do que a resposta do periodo 10.°; e tanto mais quanto as suas ultimas palavras são as seguintes: — A sabedoria de V. M. I. tem comprehendido estes principios e os tem seguido, satisfazendo assim os votos e os desejos da nação. — Sancciona o principio da resistencia, quando as nações, por ventura, queirão quebrantar os direitos e a independencia do paiz. Sanccionando estes principios, serve na questão relativa ao procedimento da Inglaterra, que por uma lei sua subjeitou os navios brasileiros á jurisdicção ingleza.

Eu peço a nobre commissão, que reflicta, se por ventura este periodo corresponde ao periodo « Tenho procurado cultivar relações de boa intelligencia com todos os governos. » Eu creio, que a camara o que devia responder he « que na verdade he util e necessario cultivar taes relações; » devia applaudir a corôa, o governo, por ter procurado estas relações de boa intelligencia com as nações da Europa e da America; mas a nobre commissão não tratou disto.

Senhor presidente, ainda pedirei explicações á nobre commissão, sobre um outro periodo, e vem a ser, o periodo 8.° da resposta. A corôa diz no periodo 12 — « fiel ao empenho contrahido de pôr termo ao trafico de Africanos, não deixara comtudo o meu governo de defender as prerogativas da mesma corôa e os direitos nacionaes. » — A nobre commissão parece não querer, que a camara prometta, que fará tudo quanto for de mister para satisfação do empenho contrahido, sobre a extincção do commercio; pois que apenas aprecia a fidelidade do governo; mas esta fidelidade deve ser apoiada de medidas legislativas; alias serão inuteis quaesquer esforços; e portanto necessario se torna, que o poder legislativo manifeste tambem esse empenho, e assegure a sua fidelidade.

Direi á nobre commissão, que tanto mais necessario achava, que a commissão manifestasse o seu pensamento neste sentido, quanto vejo, que, depois da cessação da convenção de 23 de novembro de 1826, mister he providencias legislativas.

O Sr. França Leite: — Apoiado.

O Sr. Ferraz: — Os nossos tribunaes se achão a respeito deste ponto sem medidas e sem regras. Todos sabem o que, ainda ha pouco tempo, aconteceo sobre o julgamento da embarcação *Subtil*; todos sabem as duvidas, que se teem suscitado; todos sabem, que os tribunaes não teem uma regra, uma norma, para se dirigirem no que toca ao aprezamento de taes embarcações.

O Sr. Paulino: — E mesmo sobre a maneira de processar.

O Sr. Ferraz: — E até quanto á maneira do processo, porque a lei de Portugal relativamente a isto caducou, ao mesmo tempo que caducárão as convenções portuguezas, que estavão em vigor por effeito da con-

FOLHETIM.

A LEOA. (*)

POR **Frederico Soulié**.

PRIMEIRO VOLUME.

IX.

CORRESPONDENCIA.

No dia seguinte ao em que esta scena brutal se passára, meditava Victor, no seu aposento, sobre a aventura escandalosa de Leona, e a casta remessa de Julia; e a sua vaidade se comprazia neste duplo triumpho. De um lado, essa encantadora donzella, tão pura, tão modesta; do outro, essa garrida mulher, tão bella, tão altiva, tão affouta, ambas offerecendo-se-lhe. Sorria-se o seu orgulho; e com effeito, não tinha elle mais do que querer, do que escolher; e uma seria a honesta companheira de sua vida, ou a outra a estrondosa amante, que lhe invejarião os mais ricos, os mais nobres e os mais bellos. Mas esta, havia elle repellido; e ou fosse porque a ideia de vêr essa mulher, para sempre perdida para elle, irritasse esse genio voluntario e absoluto, ou porque esse homem de coração de gelo necessitasse de ardentes incentivos, para arrancar-se á eterna contemplação de si mesmo e do seu futuro, teve pezar de que Leona lhe houvesse escapado. E, por outra parte, não era essa tambem uma belleza admiravel da côr do oriente e do ambar, de cabellos annellados, de olhos coruscantes? Não era um maravilhoso modelo, de que podia tirar uma estupenda Phrinea?

Julia havia-o encantado. Mas não tinha elle obtido quanto della queria ter? Na imaginação desse homem extravagante, Julia, de quem havia copiado a imagem, estava no caso de uma amante, cujos favores se começa a desdenhar, quando de Leona necessitava elle para o quadro, que acabava de lhe vir á ideia.

Não procuramos dar explicações acerca de Victor Amab, descrevemo-lo tal, qual o conhecemos; a natureza o havia feito, por assim dizer, de um só metal; o que ahi havia de liga, que diversifica todos os outros individuos, era apenas sensivel; semelhantes homens raras vezes se encontrão nas artes; a politica conta-os mais vezes, mas ahi tambem só um poderiamos citar.

Cogitava Amab, por que meios conseguiria tornar a ver-se com Leona, e assentava que nunca mais poderia approximar-se della, quando um caixeiro de Thore se lhe apresentou com uma carta de sua ama. A carta dizia assim:

« MONSIEUR,

« Eu nada entendo do valor real dos objectos d'arte;
« se fosse preciso paga-los ao que elles valem pela glo-
« ria, nunca eu poderia pôr-me quite para com Vm.,
« pelo meu retrato e pelo de meu marido; creio, po-
« rem, saber, que Vm. estima em bem diminuto preço
« o tempo, que dá ás suas obras, e esse preço lhe re-
« metto. Se me houver enganado, não me envergonha-
« rei de que m'o digão, e estarei sempre prompta a re-
« parar um erro, que só procederá da minha ignoran-
« cia. Sou &c. »

— Mr. Villon, disse o caixeiro, me recommendou, que exigisse eu um recibo.

Victor encolheu os hombros, e poz-se a escrever. Eis-aqui a sua resposta.

« MADAMA,

« Suppunha, que Carlos lhe houvesse dito, que eu
« não contava receber dinheiro pelo retrato de Vm.,
« nem pelo do senhor seu marido. Carlos he mais que
« discipulo meu, he meu amigo, e entre os artistas ha
« uma fraternidade, que não admitte mercados em que
« um vende, e o outro paga. Permitta-me, senhora, que
« lh'o diga, Vm. agôou a ventura, que eu sentira em fa-
« zer algum serviço aos pais do meu amigo. A sua car-
« ta poz-me doente. Demais, se Vm. pensa, que to-
« do o trabalho merece salario, eu tive o meu, mais
« rico, maior, mais magnifico que tudo, quanto a se-
« nhora me pôde offerecer. Não foi em sua casa, não
« foi junto a Vm., que eu achei o modelo ideial da Vir-
« gem Santa, que tantos applausos me produz hoje?
« Acha, que pago muito caro a minha gloria, rogando-
« lhe, guarde esses dous modestos retratos, que Mr.
« Thore já se dignou acceitar? Agora, se Vm. contar
« o que ganhei na troca, nunca eu poderei encontrar
« preço, que compense. Sirva-se, portanto, minha se-
« nhora, tornar a receber esse dinheiro; envergonhar-
« me-hia eu de acceita-lo, Vm. seria cruel em m'o of-
« ferecer outra vez.
« Tenho a honra, &c., &c. »

— He isto o recibo? perguntou o caixeiro, que o achava muito longo.

— Não he preciso recibo, disse Victor, incluindo na carta os bilhetes de banco, dê tudo isto á madama Thore.

(*) Vide *Diario* n.° 136.

venção de 1826 (*apoiados.*) Assim, pois, julgava eu necessario, que a camara promettesse a sua coadjuvação para satisfazer a este empenho; mas como respondeo a nobre commissão a este topico? Diz: — « A camara, « apreciando a fidelidade, com que o governo de V. M. « I. tem procurado satisfazer o empenho contrahido « com a Grão-Bretanha, acompanha tambem a V. M. « I., e afiança a leal e unanime coadjuvação dos Bra- « sileiros na sustentação das prerogativas da corôa, « etc. » — ; mas não diz, que ha de coadjuvar o governo neste empenho de pôr termo ao trafico de escravos.

O Sr. Marinho: — Faça favor de lêr o periodo todo, e examine-o com lealdade. . .

O Sr. Ferraz: — Sr presidente, se o nobre deputado reclama a minha lealdade, neste caso, desampáro a discussão, porque importa de certo modo isto uma imputação de deslealdade, e esteja persuadido, que não desejo na discussão offender a nenhum dos meus collegas, nem ser offendido.

Sr. presidente, ainda ha outro periodo, a respeito do qual peço explicações à nobre commissão, e he aquelle, que diz respeito ás nossas relações com as republicas do Rio-da-Prata. O governo mostra, que tem seguido, ou declara, que tem seguido, e promette, que ha de seguir os principios de neutralidade na questão do Rio-da-Prata. A nobre commissão, neste caso, como interprete, ou como a expressão da maioria da casa, devia declarar, que esta politica era a mais conveniente, era a mais acertada, e que só della nos deveriamos apartar no caso de que os interesses, ou a dignidade da nação o exigissem. A nobre commissão deixa de confirmar, de approvar esta politica, deixa ao arbitrio do governo o seguir a politica, que achar melhor, e assim, como que parece não approvar essa politica.

O Sr. Urbano: — A commissão approva a politica.

O Sr. Ferraz: — Eu desejára, que sobre este ponto fossemos mais explicitos (*apoiados*); porque serveria isto de regra ao governo, e faria conhecer a essas nações, e mesmo ás nações da Europa, que com mão armada teem intervindo nos negocios do Rio-da-Prata, que a camara dos deputados do Brasil por maneira alguma póde approvar esta intervenção (*muitos apoiados*). Creio, que sobre este ponto deve haver maior clareza e precisão, porque tambem me persuado, que o discurso da corôa e a resposta teem por fim principal fazer com que os dous ramos do poder legislativo se declarem muito expressamente sobre questões desta natureza, para habilitar o governo nas suas operações diplomaticas.

Permitta-me agora a nobre commissão, que eu lhe não applauda quanto ao facto de inserir nesta resposta o ultimo periodo. O ultimo periodo, comquanto contenha em si a manifestação dos sentimentos, que animão a cada um de nós, não corresponde, comtudo, a periodo algum do discurso da corôa.

Os estylos desta casa, os estylos mesmo da nobre commissão, são cingirmo-nos inteiramente ao discurso da corôa. Eis-aqui (mostrando papeis) as duas respostas dadas pela nobre commissão nas duas sessões passadas; não apresentão um só periodo, que não seja em referencia a outro periodo do discurso da corôa. Agora se abandona este estylo seguido desde 1827, e accrescenta-se um periodo, que não contém pensamento algum politico, que me parece mais proprio de cada um de nós como subditos do imperio, e não de nós como representantes da nação, reunidos na camara dos deputados. Este periodo diz: — a camara dos deputados, Senhor, depositando ante o throno de V. M. I. o constante tributo de sua lealdade e adhesão á sagrada pessoa de V. M. I., faz votos pela prosperidade, gloria, etc.

Não corresponde, repito, a nenhum periodo do discurso da corôa; he um accrescentamento não usado até hoje, desde que temos representação nacional no paiz. Eis-aqui as duas respostas da nobre commissão; na secretaria a nobre commissão achara bellos exemplos, dignos de serem imitados.

Sr. presidente, depois de eu ter tratado do primeiro ponto quanto ao contexto, direi agora alguma cousa quanto ao estylo.

Senhores o estylo destas peças deve ser conciso; as palavras nellas contidas devem sómente ser a mesma expressão do pensamento politico da camara dos deputados. Este estylo he seguido por todas as nações. Se nós como simples cidadãos tivessemos de dirigir uma felicitação, se este escripto não fosse uma peça essencial e unicamente politica, então converia essas palavras, essas franjas de rhetorica, de que abunda o escripto, que ora discutimos. Eu o acho muito bem redigido em estylo de felicitação, mas não em estylo proprio de um voto de graças, de uma peça politica.

O estylo dos escriptos diplomaticos e desta ordem está subjeito a certas regras fixas, das quaes não devemonos apartar. Não he o bello e elegante, que deviamos procurar, para compôr este voto de graças, mas sim a concisão, a correcção e pureza, um estylo grave, despido de franjas de rhetorica; que tivesse um caracter de dignidade e de nobreza, proprio dos representantes de um grande povo, que se dirigem ao primeiro representante do mesmo povo!

Deve-se, por certo, em taes occasiões attender muito á posição da pessoa, á quem se dirige o discurso, para guardar-se o devido acatamento, e á da pessoa que o dirige, para que se empregue um estylo conveniente á sua posição e dignidade. E para que abusos se não dêem, que estabeleção precedentes, de que os nossos vindouros, em desproveito do publico e do systema representativo, lancem mão, he que eu constantemente peço á camara, que conserve ao voto de graças o seu verdadeiro caracter, como escripto, que unicamente deve conter a expressão de pensamentos politicos, a approvação ou reprovação do procedimento dos ministros e de suas medidas.

Se apartarmo-nos desta vereda, temo muito, que taes peças sejão ao futuro simples escriptos de comprimentos, povoados de meras palavras e franjas de eloquencia; temo, que caião no mesmo descredito, em que teem cahido as felicitações, ou, conforme chamão os Francezes—os addresses—em que hoje ninguem crê, e que nenhuma significação hoje teem.

Desejo igualmente, que fujamos muito do emprego e uso de certas palavras, que, pelo seu abuso, quando empregadas, nenhuma valia já hoje teem; e o desejo, para que a expressão dos nossos sentimentos seja sempre tida por verdadeira, e assim acreditadas as nossas promessas.

O descredito, em que hão cahido os escriptos e discursos de mero comprimento, he tão conhecido, que julgo-me livre da obrigação de o demonstrar. Não carecerá ir muito ao longe, os factos entre nós o provão, e especialmente satisfactoria demonstração fornecer-nos-ha a historia da França. Lembro-me agora a este respeito de um dito de Ricardo Comwell. Ao tempo em que este individuo tomou conta do poder na Grão-Bretanha de todas as partes das ilhas britannicas concorrêrão innumeras felicitações. Todos estes discursos e escriptos o denominavão a *felicidade do povo inglez*. Ricardo, abdicando o poder, teve o cuidado de guardar em duas malas todos estes escriptos, e na guarda destas duas malas tinha o maior zelo. Alguem houve, que lhe perguntasse, que thesouro continhão ellas, e com a maior singeleza lhe respondeo o filho de Cromweil: — contém a felicidade do povo inglez—. Retirado do bulicio da cidade, e gozando da vida campestre, dias havia, que Ricardo revolvia estas suas malas, e tirava, para lêr aos seus vizinhos, algumas peças, que continhão esses archivos, segundo Chateaubriand, da baixeza humana e dos caprichos da fortuna.

O Sr. Franco de Sá: — Mal applicado.

O Sr. Ferraz: — O nobre deputado, que sempre me tem honrado com a sua estima, com este aparte não sei o que teve por fim. Já que o nobre deputado se dirige a mim, consinta, que lhe diga, que eu jamais poderia por maneira alguma suppôr a meu respeito nelle o pensamento ou o sentimento, que agora pelo seu aparte se póde suspeitar.

Qual a applicação? Que, á vista do descredito, em que teem cahido taes escriptos, os representantes da nação brasileira devem fugir de usar de palavras e expressões, que, pelo abuso, não podem ser acreditadas; que devemos fugir de crear precedentes desta ordem, que ao futuro, dadas as eleições como entre nós actualmente se fazem, podem ser fataes ao systema representativo.

Senhores, o meu receio não he pelo presente, he pelo futuro, não he por nós nem pela augusta pessoa a quem este escripto he dirigido. Não por certo; o seu caracter, as suas luzes nos desassombrão de taes temores. Temo, ao futuro, dos proprios eleitos da nação, dada a permanencia desse funoso systema de eleições, que entre nós vega; e temo á vista dos factos, que nos apresenta a historia de outros paizes; temo pelo exemplo triste, que derão 69 deputados das côrtes hespanholas, pedindo a Fernando VII, que acabasse com a constituição e com a liberdade do seu paiz.

Alguns Senhores: — Oh! oh!

O Sr. Ferraz: — Não, meus Senhores, não he cousa impossivel, e nem esse exemplo unicamente nos fornece a historia.

Fallava eu, Sr. presidente, quando fui interrompido pelo nobre deputado pelo Maranhão, no estylo proprio deste escripto. Além de algumas palavras e expressões, que o voto de graças contém, e que eu não acho proprias, notarei principalmente os periodos primeiro e ultimo.

No primeiro periodo, a camara agradece á corôa o prazer, que ella manifestou ter pelo facto da reunião dos representantes da nação. Achava, que, devendo ser este prazer reciproco entre todos os representantes, deviamos unicamente manifestar á corôa, que nós compartilhamos este prazer em todas as épocas, em que, pela reunião do corpo legislativo, vemos o primeiro representante do Brasil, rodeado dos demais representantes da nação. Não acho proprio esse agradecimento.

O ultimo periodo parece-me absolutamente estranho do objecto e fóra do estylo de taes peças.

Igualmente disse eu, que, quando tenhamos de responder ao discurso da corôa para promettermos apoiar um ministerio, mister era, que attendessemos á organisação, ao pessoal e ao systema adoptado pelo mesmo ministerio.

Acho isto conveniente, quanto á organisação, porque nos governos parlamentares convém, que a opinião das camaras seja attendida na composição de um gabinete. Quanto ao pessoal, porque nos governos das maiorias a questão de nomes he muito importante, e he um mal para um gabinete (como diz um estadista) ter no seu seio um nome proprio, condemnado á impotencia do bem. Nada cabe-me dizer nem sobre a organisação nem sobre o pessoal do gabinete: he tarefa esta, que me parecia reservada ao nobre deputado de Pernambuco, membro da commissão, á vista das apprehensões, que declarou ter sobre o pessoal do ministerio. Julgo, porém, que devemos attender muito para o seu systema.

O ministerio actual ainda não nos apresentou factos, por onde possamos julgar; elle mesmo appella para os seus actos; e como he que a illustre commissão lhe protesta a continuação do mesmo leal e franco apoio, que prestou ao gabinete, que cahio? Eu me admiro, Sr presidente, tanto mais, quanto assentava, que o nobre deputado de Pernambuco, assignado na mesma falla, por maneira alguma poderia prestar este apoio, não só combinando a resposta dada pelo Sr. ministro do imperio á sua interpellação, mas ainda porque, tendo este appellado para os factos, ainda estes factos se não derão. He verdade, Senhores, que (eu assim o entendo) o nobre deputado considera esta peça como um escripto de mera cortezia e comprimento.

O Sr. Urbano: — Não apoiado.

O Sr. Ferraz: — Se não a considera de mera cortezia, então, como bom philologo, applicou a palavra—continuar—na devida accepção. Os philologos dão á palavra—proseguir—a significação de— seguir avante, ir sempre andando após—, o que suppõe alguma reflexão e determinado proposito em quem prosegue na obra começada: a palavra—perseverar— contém estas duas ideias—proseguir, não só com animo reflectido e determinado proposito, mas até animo determinado e firme de não mudar.—A palavra—persistir—ainda accrescenta outra ideia, a da obstinação em não mudar, a de proseguir com constancia e afinco; a palavra--continuar—, porém, segundo os philologos, traz a ideia de ir fazendo o que um dia se começou, por mero habito, pelo costume, não havendo reflexão, e menos animo determinado, isto he, pelo costume de se fazer aquillo, que se continúa.

O Sr. Urbano: — Creio, que seremos todos igualmente materises, se nós o somos.

O Sr. Ferraz: — Não he de materialidade, que eu accuso a nobre commissão ou ao nobre deputado, ao contrario, de subtileza; porquanto, não empregando alguma das palavras persistir ou perseverar, e sómente a--continuar—, dá a entender, que não promette um apoio firme e constante.

Ora, tanto mais me convenço disto, quanto o nobre deputado, na discussão havida nesta casa entre elle e o Sr. ministro do imperio, não colheo vantagem alguma, e não podia ficar livre de suas apprehensões e desconfianças. Eu aproveito esta occasião para responder a outro nobre deputado de Pernambuco, que está collocado em frente de mim, sobre este ponto na parte, que considerou, que a resposta do Sr. ministro do imperio lhe foi satisfactoria, e deo seguridade á nobre deputação da provincia de Pernambuco. Eu creio, que o nobre deputado he victima de uma illusão; que esta resposta, em vez de tranquillo, lhe devia deixar o espirito muito mais inquieto. Recorramos aos factos. O nobre deputado por Pernambuco declarou, que apprehensões havia contra o Sr. ministro do imperio no que tocava aos negocios de sua provincia, ou contra a marcha, que elle havia de seguir a respeito da mesma provincia; que estas suspeitas se tornavão mais fortes em consequencia de haver o nobre deputado dito, que a politica da conciliação era o norte do *gabinete* actual, e de ter sido entendida por mim em um sentido, que não podia produzir outra cousa mais que a anarchia. Disse mais o nobre deputado, que essa politica neste sentido não podia ser admittida na sua provincia, porque os partidos estavão inteiramente extremados, e que antes queria, que pertencessem todos os empregados publicos ao lado opposto, do que se désse essa politica da conciliação, isto he, a de serem tirados os empregados publicos da massa dos cidadãos, sem respeito ás suas opiniões, conforme seu merito e suas virtudes. Ora, o que respondeo o Sr. ministro? Não disse, que a politica, que havia de continuar, não seria a mesma do ministerio passado; elle disse aquella, que seguiria em todas as provincias, isto he a da conciliação, e que os empregos serião dados a quem tivesse virtudes, merito e talentos, mas que por maneira nenhuma serião concedidos aos que hostilisassem o governo e embaraçassem a sua marcha. Logo o nobre deputado por maneira nenhuma podia estar satisfeito com esta resposta. Attendamos bem ao que disse o nobre deputado, e o que respondeo o nobre ministro (o orador lê.)

Eis as palavras do nobre deputado: — Devo declarar uma verdade, e uma verdade, sobre a qual chamo a attenção do governo e da camara, e he que a provincia de Pernambuco se acha dividida em dous partidos muito extremados...O governo não tem meio termo; ha de escolher entre os dous; e se ja mostrei, que em todo o imperio não se póde verificar a utopia do nobre deputado, muito menos ahi...

O nobre deputado (o Sr. Urbano) julgou ainda mais absurda uma tal politica, e até anarchica, a de escolherem-se para as funcções os homens, pelos seus merecimentos e virtudes e sem respeito ás suas opiniões politicas, e a final fez a seguinte interpellação. «Se o governo actual pretende continuar em Pernambuco a politica do ministerio passado, se pretende modificar esta politica, ou se tem de seguir uma politica opposta.»

Vejamos a resposta—... escusado he dizer qual a sua politica a respeito de Pernambuco; pois que esta he uma provincia do imperio... Para todas ellas o governo está no firme proposito de seguir o mesmo espirito de justiça, conciliação e concordia...

Vejamos tambem como entende o ministerio essa politica de conciliação. Disse o nobre ministro em resposta ao nobre deputado por Pernambuco: — Quanto a factos particulares, o governo procura informações... A politica de conciliação e concordia he aquella, que despreza as perseguições e reacções, que considera todos os cidadãos iguaes perante a lei, e aptos para todos os empregos, conforme o seu merito. Não se póde, porém, entender, que o governo deva chamar para os empregados importantes e de confiança os seus inimigos, os que procurarem empecer a sua marcha.

Não disse, pois, o nobre ministro, que havia de seguir a mesma politica adoptada pelo ministerio passado a respeito da provincia de Pernambuco, e ao contrario disse, que seguiria a politica, que o nobre deputado tachou de absurda, anarchica e de mera utopia. Como, pois, prometter o mesmo franco e leal apoio, como está o nobre deputado satisfeito?

O Sr. Urbano: — Estou muito.

O Sr. Ferraz: — Folgo muito, que esteja satisfeito, e com seu coração descansado, apezar de uma declaração tão franca e expressa a respeito da politica, que se vai seguir.

O Sr. Urbano: — Ao menos, estou mais tranquillo do que o nobre deputado.

O Sr. Ferraz: — Do que eu?... Está enganado. Estou muito tranquillo e sempre estive, e tanto mais tranquillo, quanto, apresentando-me nesta camara, não venho carregado com o peso da responsabilidade, que me impõe um partido tão exigente como o do nobre deputado, um partido, que seguerreia tão desabridamente com outro igualmente forte, como dizem.

O Sr. Nunes Machado: — Tem uma significação politica.

O Sr. Ferraz: — Sr. presidente, o procedimento do senado, quando responde a este topico he digno de ser louvado: não conhecendo ainda o senado as vistas politicas do ministerio, e tendo o ministerio appellado para os factos, o senado respondeo, que redobraria os seus esforços, para corresponder *dignamente* á alta confiança do monarcha, entretanto que a camara dos deputados diz: que continuará o mesmo leal apoio, que tem dado até hoje. Será isto obrar dignamente? A camara, que responda. A camara dos deputados nada ainda póde conhecer, e declara continuar a dar o seu apoio.

(*Continuar-se-ha.*)

PERNAMBUCO.

Camara municipal.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, DE 17 DE JUNHO DE 1846.

PRESIDENCIA DO SENHOR REGO ALBUQUERQUE.

Presentes os Srs. Ramos, Mello Cavalcanti, Cintra, Carneiro Monteiro, e Rego Barros, faltando com causa os outros Srs., abrio-se a sessão, sendo approvada a acta da antecedente.

Léo-se um officio do Exm. presidente da provincia, exigindo, que a camara informe quantas authenticas existem no archivo da mesma camara, das eleições dos dous senadores, e ordenando, que se lhe participe até o dia 19, as que forem recebidas. — Mandou-se responder com o que constasse.

Outro do mesmo Exm. Sr., exigindo informação, se foi remettida a secretaria de estado dos negocios do imperio copia authentica da acta do collegio eleitoral desta cidade, por que via, e exigindo uma outra copia.— Mandou-se responder e satisfazer.

Assignárão-se mandados, e despachárão-se as petições de Theotonio Joaquim da Costa, e de Antonio Joaquim Panasco. — Eu, *João José Ferreira d'Aguiar*, secretario, a escrevi.— *Rego Albuquerque*, presidente. — *Carneiro Monteiro.* — *Ramos.* — *Barros.* — *Cintra Manoel.* — *Mello Cavalcanti.*

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 22.................4:530$906

Descarregão hoje 23.

Barca—*Thomas-Mellors*—mercadorias.
Brigue—*Conceição-de-Maria*—idem.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 22.

Geral....................	2:236$052
Provincial..................	581$735
Diversas provincias..............	50$304
	2:868$091

E, quando o mensageiro partio, Victor disse entre si:

— Carlos ha de saber disto; falhará horrivelmente ao seu costume de linguareiro, se não publicar, que eu recusei o pagamento desses retratos; o caso se repetirá, e isto me dará certa attitude. Verdade he, que o negocio me custa oitocentos mil réis.

Victor repellio desdenhoso, este pensamento. Entretanto, esse homem anhelava a fortuna, mas não tinha amor ao dinheiro. Queria ser rico, immensamente rico, porque a riqueza, neste nosso seculo, he uma representação da potencia do talento; mas essa fortuna não era necessaria á satisfação dos seus desejos. Amab não tinha necessidades; alem de que era daquelles, que fazem o jogo da fortuna em grande escala. Que erão, com effeito, esses oitocentos mil reis para quem contava em breve dar ás suas obras um valor, á que só os reis e os principes do dinheiro poderião chegar?

Estava Victor satisfeito e seguia, no futuro, o effeito desse rejeição, á qual tencionava em breve dar tal geito, que lhe valesse uma aureola poetica, quando se lhe apresentou de novo um lacaio de libré, que lhe entregou um bilhete: dentro da capa havia sómente um papelinho, no qual estavão escriptas estas palavras:

« Roga-se ao senhor Victor Amab o favor de dizer « ao portador o nome e residencia da pessoa, a quem « cedeo o seu lugar, ha poucos dias. »

— Quem mandou este bilhete? disse Victor despeitoso.

— Minha ama, madama de Camburo.

— Que mora na rua Joubert......

— Sim, senhor.

— Aqui tem o endereço, disse Amab, zangado.

O criado retirou-se, Amab ficou pensativo..... e em breve descontente.

— Carlos, disse elle entre si, he bello, alegre, moço, e todo o enthusiasmo dessa mulher se voltou para o lado daquelle, que teve a insolencia de se aproveitar do seu erro. Ora adeos, não pensemos mais nisso.

Mas era esse dia de correspondencias. Dez minutos depois que o criado se retirou, chegou um portador igualmente com uma carta; a letra dessa era visivelmente de copista publico. Victor pensou, que fosse uma carta anonyma; com effeito, não tinha assignatura, mas, a dizer a verdade, não o era inteiramente, porque á Victor facil era conhecer quem a tinha escripto. Eis-aqui o texto dessa carta:

« MONSIEUR,

« Deseja-se encontra-lo amanhãa, ao meio dia, no « *boulevard* Bourdon, com testemunhas e armas. A « pessoa, que o ha de esperar com as suas, estará em « carruagem, em frente do terreiro publico, junto á « calçada, que borda o canal. Facil lhe será acha-la, « se não tiver medo. Julga-se dever adverti-lo, que, « se recusar este desafio, expor-se-ha á desgostos, que « o farião pezar-se eternamente de ter sido duas vezes « covarde e infame. »

Não cabia a Victor a imputação de covardia, antes a virtude contraria; todavia, repugnou-lhe esta provocação mais do que a certeza de uma briga perigosa. Ha occasiões, em que o homem mais indifferente aos negocios de honra, toma a sua pessoa em mui alta consideração, para arrisca-la levianamente com o primeiro, que lhe appareça. Victor estava nesse caso; era-lhe, portanto, muito desagradavel não saber de quem procedia essa provocação.

Não duvidava elle, que Leona a houvesse suscitado; mas desejava adivinhar á que especie de homem havia ella pedido a sua vingança. Se fosse ao ponto marcado, talvez se achasse com um desses enormes gaiatos, espadachins, que pagão com a espada as boas graças, que a velhice paga com o ouro. Victor conhecia, que, chegado a esse ponto, não seria mais senhor de suspender os resultados de uma rixa, que podia proceder dos mais grosseiros ultrages; além de que, o facto de alli apresentar-se era o mesmo, que acceitar o adversario, que encontrasse. Resolveo, portanto, lá não ir; mas ficou na maior inquietação.

Com effeito, he uma posição insupportavel o ter de receiar, na rua, em uma casa de pasto, no passeio, no theatro, uma injuria, que deve partir de um inimigo desconhecido, e que póde vir a todos os momentos. Observamos todo o olhar, inquieta-nos toda a attenção, pomo-nos em defeza contra todo o homem, que se nos approxima, ou que pára diante de nós. He um odioso supplicio.

Todavia, Victor o preferio ao risco de se aviltar em alguma ignobil altercação; mas, pela primeira vez em sua vida, não estava contente comsigo mesmo. Havia-lhe falhado a prudencia, a dignidade, o calculo, e achava justo, que a bella Leona de Cambure se vingasse de alguma maneira. Então, veio-lhe de repente ao pensamento, que Carlos estivesse talvez comprehendido nesse plano de vingança, e que, pedindo-lhe o nome e residencia desse mancebo, Leona, sem duvida, tinha o unico intuito de attingi-lo mais depressa. Victor teve um momento de serio temor. Carlos não tinha vindo á officina, e era já tarde; escreveo-lhe pelo correio, porque não queria apresentar-se, nem mandar ninguem á sua casa, depois da troca de cartas, que acabava de ter lugar entre elle e madama Thoré. Esperou, portanto, na maior impaciencia o dia seguinte.

(*Continuar-se-ha.*)

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 22.

Anvers; 47 dias, patacho austriaco *Minighin*, de 133 toneladas, capitão Antonio Sapurich, equipagem 8 em lastro: a José Joaquim de Oliveira.

Aracaty; 20 dias, sumaca brasileira *Santo-Antonio-de-Padua*, de 76 toneladas, capitão Manoel José Ribeiro, equipagem 10, carga couros e sola; a Luiz Borges de Serqueira. Passageiros, Miguel Ferreira dos Anjos, Antonio Joaquim Massa, Brasileiros, e 10 escravos a entregar.

Rio-de-S.-Francisco; 3 dias, sumaca brasileira *Segunda-Andorinha*, de 93 toneladas, capitão Patricio Guilherme do Carmo, equipagem 8, carga pedras de amolar, feijão e lenha; ao capitão. Passageiros, Manoel José de Barros, Manoel José de Sant'Anna, Brasileiros.

Navios sahidos no mesmo dia.

Rio-Grande-do-Norte; hiate brasileiro *Conceição-Grande*, capitão Manoel Gomes do Nascimento, carga farinha, por conta do governo.

Rio-de-Janeiro; brigue brasileiro *Soares*, capitão José Antonio Cabral, carga fazendas. Passageiros, George Sutton, com um filho e um criado, Inglezes, e quatro escravos a entregar.

S.-Matheus; sumaca brasileira *Rozario-de-Maria*, capitão Joaquim José Teixeira, em lastro. Passageiro, João José de Graça, Brasileiro, com dous escravos, e dous ditos a entregar.

Edital.

O Dr. José Nicoláo Rigueira Costa, juiz de direito interino da segunda vara do crime da comarca do Recife, por S. M. o Imperador, que Deos guarde, etc.

Faço saber, que á segunda sessão do jury, que, sob a minha presidencia, teve ultimamente lugar neste termo, assistirão com assiduidade os Srs. juizes de facto: tenente João Arcenio Barbosa, José Maria de Jesus Muniz, Manoel da Fonseca de Araujo Luna, Marcellino José Lopes, José Vieira Brasil, Manoel Coelho Cintra, Manoel Alves Guerra Junior, Luiz José Nunes de Castro, José Joaquim de Sant'Anna Frasão, Manoel Ignacio de Oliveira, coronel Manoel Cavalcanti de Albuquerque, José Joaquim Xavier Sobreira, José Ignacio do Rego Monteiro, Francisco José Arantes, Mathias Muniz Tavares, Francisco Augusto da Costa Guimarães, Ludgero Teixeira Lopes, Dr. Manoel Duarte de Faria, Antonio Bernardo Rodrigues Sette, Ignacio Marques da Costa Soares, coronel Joaquim Canuto de Figueiredo, Dr. Luiz de Carvalho Paes de Andrade, Antonio Gonçalves de Moraes, Joaquim José de Abreu Junior, brigadeiro Antonio Rodrigues de Almeida, Joaquim Teixeira Peixoto, Rodolpho João Barata de Almeida, Manoel José dos Santos, José Francisco do Rego Rangel, Candido Emilio Pereira Lobo, José Maria Seve, coronel João Francisco de Chaby, Francisco Sergio de Mattos, Francisco José Silveira, Antonio Joaquim de Mello Pacheco, Caetano Gomes de Sá, Francisco de Paula de Queirós Fonseca, Luiz Antonio Vieira, João Fernandes da Silva Guimarães, Claudino Benicio Machado, José Hygino de Souza Peixe, João José Lopes Junior, doutor Delfino Augusto Cavalcanti, Amaro Benedicto de Souza, Manoel da Silva Ferreira Junior, Antonio Francisco Xavier, Emilio Xavier Sobreira de Mello, Virissimo Antonio de Mattos; tendo sido multados na quantia de cento e dez mil réis, a rasão de dez mil réis por dia, os Srs.: Antonio de Faria Brandão Cardoso, João do Rego Barros Falcão, José Gonçalves Ferreira, Claudino Pereira de Carvalho, Antonio Policarpo da Silva Pinto, João Paulo de Souza, Antonio Claudino de Miranda, e o doutor Miguel Archanjo da Silva Costa, por não terem comparecido, nem apresentado escusa alguma.

E, para constar, mandei lavrar o presente, que será publicado pela imprensa. Dado e passado nesta cidade do Recife, sob o meu signal e sello deste juizo, ou valha sem sello, *ex causa*, aos 8 de julho de 1846. — Eu, *José Affonso Guedes Alcanforado*, escrivão do jury, o escrevi.

José Nicoláo Regueira Costa.

Declarações.

—O Illm. Sr. coronel director do arsenal de guerra de novo convida a todos os officiaes espingardeiros, que quizerem trabalhar no mesmo arsenal, pagando-se-lhes vantajosos jornaes, a comparecerem no dito arsenal. — Arsenal de guerra, 22 de junho de 1846. — No impedimento do escripturario, o amanuense, *João Ricardo da Silva.*

—O escrivão e administrador da mesa de rendas internas provinciaes faz constar a todos os Srs. proprietarios de predios urbanos dos tres bairros desta cidade e povoação dos Afogados, que, não póde presentemente mandar receber em suas casas o importe de seus debitos, como antecedentemente se praticava; pois que esta repartição tem um agente privativo para a cobrança, o qual tem de perceber a multa de tres por cento sobre o valor de seus debitos, se por ventura deixarem de vir pagar na mesa, dentro dos 30 dias marcados na lei, a importancia da decima de suas propriedades do segundo semestre do corrente anno financeiro de 1845 a 1846; e por isso os convida a virem com presteza solver seus debitos, visto estar a concluir-se o citado prazo. Recife, 20 de junho de 1846.

José Guedes Salgueiro

—O Sr. desembargador Joaquim Teixeira Peixoto de Abreu Lima, chefe de policia interino desta provincia, manda fazer publico, que se acha presentemente residindo no Aterro-da-Boa-Vista, n. 46, segundo e terceiro andares.

GABINETE LITTERARIO.

Os Srs. socios do gabinete queirão satisfazer, dentro do prazo de 30 dias, contados desta data, as suas contribuições vencidas até o ultimo de setembro do anno passado, sendo a mensalidade na rasão de 500 rs., metade da que estava marcada. Todos aquelles, a quem fôr apresentado o recibo, que as não satisfizerem no dito prazo, perderão o direito de socios, conforme á disposição dos estatutos, e a decisão tomada na reunião de 17 do corrente. Recife, 22 de junho de 1846.

O thesoureiro interino,

Bento José Fernandes Barros.

Avisos maritimos.

= Para a Bahia sahirá, impreterivelmente sabbado, 27 do corrente, o hiate *Santo-Antonio Flor-do-Rio*: recebe carga e passageiros: trata-se com José de Oliveira Campos, rua do Queimado, n. 4.

= Para a Bahia sai o hiate *Flor-do-Recife*, pregado e forrado de cobre: quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se a rua do Vigario, armazem, n. 5.

— Para o Rio-Grande-do-Sul sahirá breve o brigue-escuna *Nero*; recebe carga a frete, escravos e passageiros: quem no mesmo quizer carregar, póde entender-se com Amorim Irmãos, rua da Cadeia, n. 45.

= Para o Rio Grande-do-Sul seguirá no decurso da presente semana, não havendo inconvenientes, o brigue *Mentor*, o qual póde receber algumas carga, e tem bons commodos para escravos: quem pretender, póde fallar com Amorim Irmãos, na rua da Cadeia, n. 45.

— Para o Rio-Grande-do-Sul sai com brevidade o brigue *Umbelina*; recebe carga e escravos a frete: quem quizer carregar, dirija-se a João Francisco da Cruz, na rua da Senzalla-Velha, n. 134.

— Vende-se o muito veleiro e bem conhecido hiate *Pensamento-Feliz*, mestre Manoel Alves Ferreira Bibi, com 700 alqueires de farinha de mandioca, de superior qualidade; na rua do Crespo, n. 10.

= Para Lisboa sai, impreterivelmente amanhãa, 24 do corrente, o brigue portuguez *S.-Domingos*, e ainda recebe alguma carga, assim como passageiros, para os quaes tem excellentes commodos: os pretendentes dirijão-se a rua da Cruz, n. 54, primeiro andar, ou ao capitão Manoel Gonçalves Vianna.

= Para o Rio-de-Janeiro pretende sahir breve o brigue escuna *Leopoldina*, e para isso recebe carga a frete: quem no mesmo quizer carregar, póde tratar na praça com o capitão Antonio Pereira Martins dos Santos, ou na rua do Trapiche, casa de Gomes & Irmão.

—Previne-se a todas aquellas pessoas, que teem contas com a barca franceza *Emily*, capitão Lacombe, em reparação neste porto, hajão de apresenta-las sem falta alguma, hoje, 23 do corrente, no escriptorio dos Srs. Avrial Irmãos, rua da Cruz, n. 20, afim de serem verificadas, e immediatamente pagas; pois que, passado este dia, não se attendera mais a reclamão alguma, visto dito navio ter de sahir amanhãa, 24 de junho.

—A barca franceza *Emily*, capitão Lacombe, tendo de sahir para o Havre-de-Grace, amanhãa, 24 do corrente, offerece a sua bella e espaçosa camara, com grandes e magnificos commodos, a todas aquellas pessoas, que desejarem tomar passagem a seu bordo: trata-se para este fim em casa dos Srs. Avrial Irmãos, rua da Cruz, n. 20.

Avisos diversos.

— Perdeo-se, no dia 20 do corrente, na igreja de N. S. da Penha, na occasião da missa, uma carteira contendo 35$ rs., sendo 5 cedulas de 5$ rs. e uma de 10$ rs.; assim como duas lettras, sendo uma de 280$ rs. e a outra obrigação de 60 e tantos mil réis, e outros papeis de pouca importancia: roga-se a quem achou dita carteira, restitua as mencionadas lettras, ficando com o dinheiro pelo achado, podendo entregar as lettras na thesouraria provincial, a Themotheo Pinto Leal Junior, ou no pateo do Terço, na casa do mesmo, n. 12, primeiro andar, ou então botar, a noute, por baixo da porta da casa acima, que muito obrigado se lhe ficará.

—Na rua de Hortas, casa n. 142, segundo andar, ha uma mulher, que se offerece para ama de leite de qualquer casa. A mesma casa acima precisa de uma pessoa, que, dando fiador a sua conducta, se responsabilise pela criação de um menino.

— Na rua de Hortas, casa terrea n. 62, marca-se roupa, e se bordão lencos com ponto de marca, a vontade dos pretendentes; tudo com a maior perfeição, que he possivel, e por preço mais commodo que outra qualquer pessoa possa fazer.

— Aluga-se uma ama para tratar de um moço solteiro, em Beberibe, obrigando-se a fazer todo o serviço: na rua larga do Rozario, botica n. 36.

= Precisa-se de uma ama, que tenha bom e bastante leite; na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= O Sr. L. A. M. F. haja de pagar o seu vale da quantia de 107$000 rs., vencido a 20 de maio proximo passado; e, se o não fizer, no prazo de 3 dias, será o seu nome publicado por extenso, e usar-se-ha dos meios judiciaes.

— Uma Senhora com a instrucção necessaria para o fim, a que se dedica, se offerece para dar lições, em casas particulares, de grammatica portugueza e franceza, geographia, historia, musica, contas e bordados: a dita Senhora roga as pessoas, que houverem de a procurar, de se dirigirem a loja dos Srs. Santos Neves & Guimarães, na rua do Crespo, n. 17, que ahi se dirá com quem se deve tratar.

— Joaquim Candido de Moraes se offerece para feitor de qualquer engenho, e tem boa conducta: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Padre Florianno, n. 58.

= Na rua das Trincheiras, n. 25, fazem-se bolos de S. João, ornados de capella de alfim, por preço commodo; assim como se dão de vendagem, pagando-se por cada pataca, quatro vintens.

— Em resposta ao annuncio do *Inimigo da Calumnia*, no *Diario* de hontem, tenho a dizer, que vendi a Senhora D. Felicianna um piano por 450$ rs., cuja quantia recebi, na mesma occasião, em moeda de ouro; e que he falso o que se tem espalhado sobre tal venda; pois não tendo eu recebido favores alguns da mesma Senhora, não lhe poderia fazer tal offerta. — *Silvestre dos Rios.*

— Precisa-se entregar umas cartas de importancia ao Sr. Manoel Antonio Vianna; por isso, queira annunciar a sua morada, para se lhe entregar pessoalmente.

— Para amanhãa, dia de S. João, haverá vitella e carneiro muito gordos, e em conta; na rua larga do Rozario, açougue novo, n. 38.

— Aluga-se um sobrado de dous andares e sotão, bastante fresco, sito no largo do Paraizo: na rua do Rozario larga, n. 30, segundo andar.

— Na rua Nova, loja franceza, n. 23, esquina da travessa do Carmo, acaba de receber um grande sortimento dos seguintes objectos: bicos de blonda, dentelle preto, bico de seda branco, lindissimas flores de todas as qualidades, as muito boas luvas de pellica, tanto para senhora, como para homem, leques, sedas para chapéo, crepes de todas as cores, perfumarias muito finas, aljofes, chapéos de sol de panninho, e de seda para todo preço.

— O Sr. doutor Manoel Nunes Bahiense tenha a bondade de não retirar-se, emquanto não acabar de concluir o negocio, que lhe diz respeito, na rua Nova, n. 26.

— Precisa-se de uma ama para homem solteiro, e como he para poucos dias, paga-se bem: he para arranjos de casa. Na rua da Soledade, no sobrado, n. 39, indo pela Trempe.

— Precisa-se de um caixeiro, de 14 a 16 annos; na rua Direita, n. 54.

— Estão para se alugar os segundo, terceiro e quarto andares da casa n. 41, na rua da Cadeia do Recife; dão-se baratos a quem quizer os 3 andares: a tratar na loja de fazendas da mesma propriedade.

— José Antonio de Miranda vai ao Rio-de-Janeiro.

= Aluga-se a casa terrea da rua da Gloria, n. 41; a tratar na rua das Trincheiras, sobrado n. 19.

— Roga-se a pessoa, que recebeo por engano um maço de jornaes e brochuras francezas, da mão de um preto ganhador, que os levava para entregar a Mr. Vauthier, engenheiro em chefe, queira restitui-los na rua da Cruz, n. 26; pelo que se lhe ficera obrigado.

= Toma-se, a juros de um e meio por cento, a quantia de quatro contos de réis, com segurança em um engenho moente, corrente e desembaraçado, e além disto se da nesta praça conhecimento da capacidade da pessoa, que os quer: a tratar no Aterro-da-Boa-Vista, n. 26, segundo andar.

— José Gonçalves Ferreira Costa embarca para o Rio-Grande-do-Sul 3 escravos, de nomes Joaquim, Antonio e Pedro.

— Fazem-se bolos de S. João, cangica de milho verde, muito bem feita; em Olinda, nos Quatro-Cantos, sobradinho n. 18.

— Precisa-se de um Portuguez para feitor de um engenho, em Serinhãem, preferindo-se casado: na rua larga do Rozario, n. 40, segundo andar, de manhãa até as 9 horas, e de tarde até as 2 horas.

— Aluga-se um armazem na rua da Senzalla, n. 96.

= Dá-se dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata, ou hypothecas em casas terras, ou mesmo com boas firmas; na rua estreita do Rozario, n. 30, segundo andar, se dirá quem dá.

— Antonio Martins Ferreira, subdito portuguez, retira-se para o Rio-Grande-do-Sul.

— Precisa-se de um criado, que saiba andar com carro, e tratar de cavallos; no Aterro-da-Boa-Vista, n. 36.

— Precisa-se alugar um moleque, que seja bem experto, fiel e sem vicios, para o serviço externo de uma casa de pouca familia. Dirigir-se a rua do Rangel, n. 59, segundo andar.

— Ensinão-se meninas com toda a perfeição, a saber: primeiras lettras, grammatica nacional, arithmetica, doutrina christãa, bordar, marcar, fazer lavarinto; assim como tambem ensinão-se meninos, tanto particularmente como em suas casas: quem se quizer utilisar, dirija-se a rua Augusta, n. 7.

—Havendo desapparecido d'entre os papeis do abaixo assignado uma lettra de quatro contos de réis, que foi sacada a 24 de maio do anno de 1844 pelo mesmo abaixo assignado, e acceita pelo coronel Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, a qual lettra se achava vencida desde 24 de julho do anno proximo passado; por isso, o mesmo abaixo assignado declara, que ninguem negocie dita lettra, por isso que o acceitante já se acha prevenido, tornando-se por conseguinte invalida qualquer negociação a respeito.

João Lins Cavalcanti de Albuquerque.

= Precisa-se alugar um preto para o serviço de casa, que seja fiel e diligente; no Aterro-da-Boa-Vista, n. 36.

Casa da Fé,

Na rua estreita do Rozario, n. 6.

O cautelista da casa acima faz ver aos amantes do jogo das loterias, que esta marcado o dia 26 do corrente mez para o andamento das rodas da loteria da matriz da Boa-Vista, cujos bilhetes achão-se a venda, e as rodas correrão infallivelmente no dia acima, fiquem, ou não bilhetes. As cautelas tambem interessão, pelo seu diminuto preço de 500 e 1000 rs., que chega para todos os que gostão deste jogo.

Loteria da matriz da Boa-Vista.

As rodas desta loteria andão infallivelmente no dia 26 do corrente mez, embora fiquem alguns bilhetes por vender: e o respectivo thesoureiro espera, que com este terceiro annuncio, desenganados os amadores deste jogo de que a loteria não deixa de correr no referido dia, concorrão a comprar o resto dos bilhetes, que existe nos lugares já declarados.

—Aluga-se uma padaria com os principaes utensilios, bons commodos para o estabelecimento, tendo a casa assobradada, e commodos para morada, na rua Imperial, contigua a fabrica de sabão: na rua Direita, n. 82, primeiro andar.

—O abaixo assignado, como credor da viuva do fallecido Francisco Antonio Ramos, declara, que toda e qualquer pessoa, que se achar com direito aos bens da viuva do sobredito Ramos, se deverá entender com o abaixo assignado, na rua de Santa-Thereza, numero 2, dentro do prazo de seis dias, contados da data deste; do contrario, não será attendido com direito aos bens da dita viuva, por assim ter publicado o presente. Recife, 20 de junho de 1846.

Frederico de Souza Gomes.

= Dá-se dinheiro a premio com penhores de ouro e prata; na rua do Rangel, n. 37.

— Dá-se dinheiro a premio, mesmo em pequenas quantias; na rua do Rangel, n. 11.

— Madama Theard, modista, rua Nova n. 32, tem a honra de participar ao respeitavel publico, e em particular aos seus freguezes, que acaba de receber de França um lindo sortimento do ultimo gosto, como chapeos para senhoras, sedas, fitas, flores, plumas e passaros muito ricos e bonitos para enfeites de noivas, bicos de blond brancos e pretos, filós brancos e pretos, espartilhos, e flores para luto: na mesma casa acha-se tambem um sortimento de marrafas e crescentes de cabello.

—Precisa-se alugar uma escrava, que saiba vender na rua e fazer algum serviço de casa; aluga-se por mez: quem tiver annuncie, ou dirija-se a rua das Larangeiras, n. 24.

Compras.

— Compra-se uma escrava, de idade; um habito de Christo: quem tiver, annuncie.

— Compra-se a historia do Brasil, por o general Abreo e Lima; quem tiver, annuncie.

Vendas.

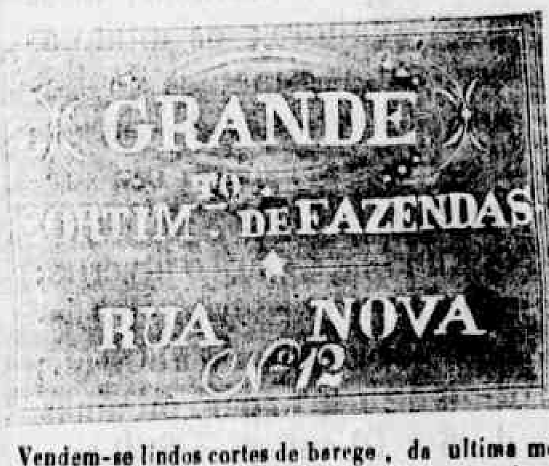
—Vende-se uma mesa de amarello, com 9 palmos de comprimento, 4 de largura, e com 2 gavetas; na rua Direita, n. 40.

= Vende-se farinha de S. Matheus, de superior qualidade, por preço commodo, em porção de 20 alqueires para cima; na rua da Cadeia, junto ao arco da Conceição, loja de ferragens, de Joaquim da Silva Mourão.

—Vendem-se, na rua Augusta, n. 34, casaes de rolas de Hamburgo, brancas e mestiças, por preço commodo.

—Vende-se um escravo crioulo, de 24 a 25 annos, sem defeito algum; na rua de S. Rita, n. 29, primeiro andar.

— Na casa de pasto detrás do quartel de policia, vende-se 1 bilhar com todos os seus pertences, e muito proprio para levar para o matto.



Vendem-se lindos cortes de barege, da ultima moda, para vestidos de bailes; e ricos chales de seda, a polka.

— Vende-se a loja n. 5 da praça da Independencia, com poucos fundos, bem sortida e bem afreguezada; está situada em bom lugar, por ter duas frentes, uma para a rua do Queimado, e outra para a praça; o dono a vende, por ter de retirar-se para fóra, a tratar de sua saude: a tratar na mesma loja.

= Vendem-se 2 mulatinhas, de 12 annos, proprias para se educarem, e para mucamas de alguma menina; uma preta, de 20 annos, de bonita figura, engomma, cozinha lava de sabão e cose chão; uma dita de todo o serviço, moça, por 350$ rs.; uma parda, de 20 annos, de bonita figura; um preto muito reforçado, de 20 a 22 annos, perfeito canoeiro: na rua larga do Rozario, n. 24, primeiro andar.

= Vende-se uma preta moça, de bonita figura, sem achaque algum; no pateo do Collegio, n. 31, segundo andar.

No Aterro-da-Boa-Vista, loja de fazendas, n. 14,

vendem-se pannos pretos de côr fixa, a 4$ e 5200 rs.; merinó preto de duas larguras, a 1400 rs.; princeza muito superior, a 1000 rs.; casimiras dobradas, de algodão, de quadros e listras, pelo baratissimo preço de 500 rs.; brins de quadros e listras de qualquer côr, que o comprador quizer, pelo barato preço de 200, 220, 240, 320 e 400 rs. o covado; bretanhas de rolo, com 12 jardas, a 1600 rs; cassa lisa, larga, a 280 rs. a vara; e outras fazendas por mais barato preço de que se teem vendido; e os Srs. compradores, que não poderem vir em dita loja, podem mandar buscar amostras, tanto destas como de qualquer outra, que promptamente lhes serão dadas, e juntamente o seu ultimo preço.

—Vendem-se 3 escravos, sendo: um moleque, de 18 annos; uma preta, de 35 annos; um preto, de 40 annos; todos de nação, de bonitas figuras, e sem vicios nem achaques: a fallar com José dos Santos Souza.

Vendem-se bichas pretas, de muito boa qualidade, e por preço commodo, na rua das Cruzes, n. 41, primeiro andar.

NOVAS SORTES
DE S. JOAÕ.

Papeis de sortes de differentes qualidades, proprios para se enrolarem em rebuçados, para os chás das noites de S. João e S. Pedro, ou para se offerecerem em cestinhas com doce a quem quizer consultar a sua sorte; a quatro vintens cada papel: na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

Roupões, a 1$500 rs.

Vendem-se cortes com 3 covados e meio desta excellente fazenda, por ser muito encorpada, e de muita duração, pelo modico preço de 1300 rs.; casimiras de lãa, com 3 covados e meio o corte, a 1400 rs.; cotões de linho, de superior qualidade, a 1700 rs. o corte, de muito bonitos padrões: na rua do Collegio, loja n. 1.

— Vende se vinagre tinto, a 45.000 rs. a pipa; dito branco, a 35,000 rs. dita: na rua Imperial, n. 7.

= Vendem-se meias barricas com farinha gallego; na rua do Trapiche-Novo, n. 8.

= Vende se uma armação de loja, propria para qualquer estabelecimento; na rua das Cruzes, n. 11.

— Vendem-se 3 casas pequenas, sitas nos Coelhos, na rua do Jasmim, que rendem um por cento ao mez, com bons commodos, por ter 2 salas, 2 quartos, cozinha, quintal e cacimba, cada uma, feitas a moderna, e acabadas, ha 2 annos, livres e desembaraçadas, por serem feitas pelo vendedor, em chãos proprios; na rua da Concordia, sobrado de um andar n. 5.

Vendem-se os muito superiores e mais modernos borzeguins gaspeados, francezes, para homem; ditos para senhora; os muito acreditados sapatões de bezerro de Nantes de Susér; ditos de tres solas; um sortimento completo de calçados inglezes, para o inverno; sapatos de cordovão, de Lisboa, para senhora, a 800 rs.; ditos de lustro, para meninas de 8 a 10 annos, a 800 rs.; chiquitos, a 120 rs.; e outras muitas qualidades de calçado por preço commodo: na rua da Cadeia do Recife, n. 35.

= Vende-se uma venda com poucos fundos, muito bem afreguezada, e tem bons commodos para morar familia, na rua do Fagundes, n. 7, a dinheiro, ou a prazo com boas firmas; vende-se por seu dono retirar-se para a Europa: a tratar na mesma venda.

— Vendem-se officios de N. S. do Carmo, de S Francisco de Assiz, das Almas, e do Sr. dos Afflictos; na praça da Independencia, livraria, ns 6 e 8.

= Vende-se pão de ebano, campeche e dentes de marfim; na rua do Trapiche, armazem n. 34.

= Vendem-se saccas de farinha fina e grossa; ditas de arroz branco e vermelho; ditas de dito com casca; ditas com milho: na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 8.

— Vende-se gelo; no brigue americano, que se acha fundeado em frente da escadinha da alfandega, onde se achará o bote do mesmo brigue, para conduzir para bordo os compradores.

= Vende-se o superior vinho da Madeira, em quartolas de 2 e 4 em pipa; na rua do Vigario, armazem n. 4, de Rotte & Bidoulac.

= Vende-se uma porção de escravos, que a vista dos compradores se dirão as habilidades, e verão as figuras; uma preta parida de 3 mezes: na rua Nova, n. 21, primeiro andar.

— Vende-se CERA EM VELAS do Rio-de-Janeiro, sortimento de 1 a 16 em libra; na rua da Senzalla-Velha, n 110

= Vendem-se as obras completas de Luiz de Camões, em 3 volumes, a mais rica, e nitida edição, que tem apparecido, pelo mais modico preço, que he possivel; na rua da Cadeia do Recife, loja da viuva Cardozo Ayres; e nas livrarias da esquina da rua do Collegio, e pateo do dito, n. 2; na praça da Independencia, ns. 6 e 8; no Aterro-da-Boa-Vista, loja n. 11.

— Vendem-se charutos de boa qualidade, por preço commodo, em caixas de 225, chegados ultimamente da Bahia; na rua do Trapiche, n. 34, segundo andar.

— Vende-se uma preta de bonita figura, propria para todo o serviço, por preço commodo; em Fóra-de-Portas, n. 83.

= Vendem-se varios escravos, chegados proximamente do Aracaty, tendo entre elles, um perito cozinheiro; pennas de ema; cera de carnauba; sola; bezerros; couros de cabra; caixas de tartaruga, tudo por preço commodo: na rua da Cruz, armazem, n. 51.

— Vendem-se as Reflexões do estado de finanças do Brasil, e a substituição do trabalho dos escravos por trabalho livre no Brasil, por Henrique Velloso de Oliveira, 2 folhetos, a 600 rs. cada um; na rua do Trapiche, n. 34, segundo andar.

— Continuão se a vender chapeos finos de castor; na rua do Trapiche-Novo, n. 5, casa de João Stewart.

— Vende-se um armario grande, dous balcões, e uma carteira; na rua da Cruz, n. 53.

= Vendem-se 8 escravos moços, optimos para o trabalho de campo e da praca; 2 moleques, de 14 a 16 annos; 2 mulatinhos, bons para pagens, de 12 a 16 annos; 6 escravas moças, boas para todo o serviço; 2 negrinhas, de 12 annos, muito lindas para serem educadas; duas pardas, de 20 annos, boas para o serviço de uma casa: na rua do Crespo, n. 10, primeiro andar.

— Nas lojas da rua Nova, ns. 5 e 28, e na rua da Cadeia do Recife, n. 49, pertencentes a Braga, Silva & Companhia, se acha um completo sortimento de sellins de todas as qualidades; silhões para montaria de senhora; lóros; cabeçadas roliças; silhas inglezas de patente; ditas chatas, de couro de lustro branco; tallins e cananas; barretinas; espadas de todas as qualidades; couro de lustro branco para correiames de fuzileiros e guarda nacional de cavallaria; dito para canhões de botas de criados; dito preto superior para calçado; colchões de todas as qualidades; e todas as mais fazendas pertencentes as officinas de selleiro, colchoeiro, e uniformes militares: aonde tambem se fazem e concertão-se ditos objectos com a maior perfeição e preço commodo.

— Vendem-se, na cidade de Olinda, rua de Mathias Ferreira, ns. 5 e 6, dous sobrados, que, afóra a largura dos ditos sobrados, que tem 50 palmos de frente, tem mais 60 palmos o quintal de largura na dita frente da rua, e o fundo he grande, todos murados, com uma cacimba de boa agoa, que faz boa roupa de lavagem, com varandas de ferro: a tratar na mesma rua de Mathias Ferreira, n. 38, que se vende por preço commodo.

— Vendem-se ricos chales e meios ditos de seda para senhora; lenços de seda para dita, a 2$ e 3$ rs.; ricos cortes de collete de gorgurão, seda e de velludo; gravatas de seda do ultimo gosto, e outras muitas fazendas e quenquilherias, a preço muito barato: na praça da Independencia, loja n. 39.

= Vende-se uma escrava de nação Costa, de 24 annos, optima quitandeira, e serve bem a uma casa; um pardo, de 22 annos, bom canoeiro e carniceiro; um escravo de nação Angola, de bonita figura de 25 annos, bom trabalhador de enxada, fouce e machado: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= Vendem-se sapatos de borracha, capachos de todas as qualidades, esteiras de Angola, de todos os tamanhos, superiores navalhas, a contento; na rua larga do Rozario, n. 24.

— Vende-se um moleque de nação, de idade de 18 annos, proprio para todo o serviço; 2 cabrinhas, sendo um de 10 annos, e o outro de 12 annos; um preto de 30 annos, canoeiro: na rua do Rozario, venda da esquina, n. 39.

— Vendem-se os cortes da rica fazenda a rainha Victoria, os mais ricos padrões, chegados a esta praça, de côres fixas, prova de limão, pelo barato preço de 4500 rs.; cassa-chitas de bonitos padrões e côres fixas, o corte com 6 varas e uma quarta, a 2500 rs, e em vara a 400 rs.; riscados finos e escocezes, de quadros, e padrões encarnados, côres fixas, pelo diminuto preço de 240 rs. o covado; algodão mesclado entrançado a 180 rs. o covado; bretanha de rolo, a 2000 rs.; riscados francezes, muito largos, a 280 rs.; algodão americano, muito encorpado, a 220 rs. a vara; madapolões enfestados, muito finos, a 5800 rs.; zuarte azul, muito largo, a 240 rs. o covado; e outras muitas fazendas por preço muito barato: na rua do Crespo, loja n. 14, de José Francisco Dias.

= Vendem-se bons charutos de regalia, principe, e cabeçudo, tudo mais em conta que em outra qualquer parte; na rua das Cruzes, venda n. 40.

— Vendem-se 2 relogios, sobonetes, patentes inglezes, sendo um de ouro e outro de prata, e quasi novos; na rua do Rangel, n. 37.

— Vende-se um optimo carrinho de duas rodas, por preço commodo; na rua do Aragão, cocheira, n. 17.

— Vendem-se chapéos do Chile, muito finos, e pelo barato preço de 4$500 e 5$000 réis: na rua do Crespo, loja n. 14, de José Francisco Dias.

= Vende-se um carro americano, de 4 assentos, para um ou dous cavallos; na rua do Hospicio, n. 22.

— Vende-se, na loja do Sr. Pomoteau, cutileiro no Aterro-da-Boa-Vista, n. 5, uma copia, feita em Roma, da virgem de Raphael, propria para capella.

— Na rua Nova, loja n. 35, junto a fundição de caldeireiro, se acha um grande sortimento de muitas diversas fazendas para vestidos, entre ellas, lindos cortes da muito superior barege, fazenda esta de muito bom gosto; lindos cortes de cassa com listras de seda; cortes de cassa-chitas; cambraias adamascadas, padrões muito lindos, para cortinados de cama; setim macáo, de muito boa qualidade, para collete; cortes de chitas, de muito bom gosto; chitas francezas, de muito boa qualidade; cortes de setim lavrado, para vestido; setim liso de diversas côres; merinó preto, muito bom; princeza; cortes de calças de casimiras lisas e de quadros; cortes de tarlatana de lindos padrões; riscadinhos francezes; cortes de cassa muito fina, com 5 varas; cambraia lisa muito fina; esguião muito fino; bretanha; e outras muitas fazendas, que se venderão por preço commodo.

= Vendem-se os diccionarios de latim e francez, de francez e latim; tambem o diccionario grego e francez, de francez e grego, da decima-terceira edição, obra mui rica e ultima litteratura; na rua do Crespo, n. 11.

— Chegarão á livraria da esquina do Collegio, onde se vendem, alguns exemplares do diccionario de therapeutica, publicado, ha pouco, em Portugal, pelo doutor João Ferreira da Silva Oliveira, 1 v. em quarto, de 2 columnas.

— Em casa de Fernando de Lucca, na rua do Trapiche, n. 34, acaba-se de receber o seguinte: ameixas, cerejas, passas miudas de Corintho, conservas, como fructas, pecegos, morangos, framboises, groseilles, ditas em latas de diversas qualidades, vompâte de Lièvre, perdriz, arti chots, etc., pepinos e cebollas em conserva de vinagre, as libras, azeitonas de Sevilha, sauvisses em banha, salame de Bolonha; estes objectos são chegados ultimamente no brigue francez *Armorique*: superior chá hysson e gunpowdre, dito preto (Souchan), vinhos das seguintes qualidades: Cherry, Malaga, Madeira, Porto, Rheno, Bordeaux, Haut Barsac, Cognac de superior qualidade, agoa mineral, licores de diversas qualidades, azeite doce superfino, charutos regalia, e outros objectos, que, como tudo o mais se vendem em porção e a retalho por preço commodo.

— Vende-se uma machina de vapor, da força de 4 cavallos; uma serraria vertical; uma dita para fazer tijolos; um engenho para bestas; a vista do comprador se fará qualquer negocio: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 3, primeiro andar.

ESQUINA DO LIVRAMENTO
LOJA
DE 6 PORTAS Nº 12
DE
GABRIEL GLZ. LOMBA

Nesta loja das boas pechinchas, continuão-se a vender os lindos cortes de cassa de côres, a 2600 e 3000 rs.; ditos de chita, os mais bonitos padrões, e de pannos muito finos, a 2800 e 3200 rs.; um grande sortimento de madapolão, a 2600, 2900, 3$, 3200, 3500, 3800, 4$, 4500, 4800 e 5$, e muito fino, a 6000 rs.; um bello sortimento de chitas, a 140, 160 e 180 rs., e muito finas, de côres fixas, a 200 rs.; panno preto muito fino; cortes de collete de gorgurão e de velludo de côres, os mais bonitos; e outras muitas fazendas, como sejão: casimiras, borlins, princeza e franklin.

Ao mais barato!

Vende-se a 120, 140 e 160 rs. o covado de chita; superiores cortes de cassa-chitas para meninas, pelo modico preço de 1000 rs.; ditos maiores, a 2000 rs.; zuarte azul, de vara de largura, a 280 rs. o covado, de superior qualidade para vestidos de pretas; algodão trançado azul mesclado, muito encorpado, a 240 rs. o covado; algodãozinho americano, largo, e de superior qualidade, a 220 rs. a vara; riscadinhos trançados, boa fazenda para meninos, a 200 rs. o covado; superior cambraia lisa, de vara e tanto de largura, muito fina, a 5500 rs. a peça; ditas enfestadas, finas, a 3500 rs.; peças de bretanha de linho, de 6 varas, a 2800 rs.; ditas muito finas, a 4000 rs.; cassas de quadros e listras para babados, a 3000 rs. a peça, e em vara a 320 rs.; peças de bretanha de rolo, a 1600 rs.; superiores bretanhas de linho, muito finas para jaquetas, a 560, 640 e 720 rs. a vara; panninho muito fino, de vara e tanto de largura, a 5500 rs. a peça; superiores casimiras elasticas de excellentes padrões, pelo barato preço de 1000 rs.; gravatas de setim preto de Macáo, a 500 rs.; superior brim trançado branco, fino, de puro linho, a 1400 rs. a vara; esguião muito fino, a 1600 rs. a vara; meias para senhora, a 280 rs. o par; madapolões muito finos, quasi iguaes ao panninho, chamados de jardas, a 5500 rs. a peça; e de outras muitas qualidades, por preços modicos: adverte-se aos compradores serem estas fazendas limpas, e de boas qualidades, e além destas fazendas, existe um sortimento completo, e por menos preço do que em outra qualquer parte: nas lojas da rua do Collegio, n. 1, e na do Queimado, n. 5.

LIVROS DE SORTES

PARA ENTRETENIMENTO NAS NOITES DE S. JOÃO E S. PEDRO.

Na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8, vendem-se os seguintes livros de sortes: Acasos da fortuna, ou livros de sortes divertidas; nas quaes se mostra o estado, riqueza, heranças, amizades, &c., que ha de ter quem os tirar; e augmentado com o methodo de fazer versos por meio de dous dados.

Livro dos Destinos, para ser consultado em a noite de S. João, escripto pela infallivel Sibylla, a qual promette grandes dons a quem a consultar.

Divertimento campestre simples, ou Descobrimento da sorte de cada pessoa; trazendo no fim uma parte da mythologia dos deoses fabulosos.

Novo divertimento, que contém duas partes: primeira, livro dos Destinos, novamente escripto pela Sibylla de Cumes; segunda, o Manual de alguns jogos de sociedades, ou prendas.

Estes livros são inteiramente diversos uns dos outros, e offerecem o mais innocente recreio ás familias, nas tão festejadas noites de S. João e S. Pedro, sendo inseparaveis dos bolos, para cujo consumo concorrem grandemente.

— Vende-se uma casa de 2 andares, na rua das Larangeiras, n. 5, e outra tambem de 2 andares, na rua da Moeda, n. 13; quem as pretender, annuncie.

— Vende-se um bom porta-licor, optimo para alguma sociedade, por ter uma bonita caixa envernisada, e com molas, em que sustenta o mesmo porta-licor, por preço o mais commodo possivel; na rua da Hortas, casa terrea n. 62.

— Vende-se uma escrava moça, sem vicios, com habilidades, bastante sadia, e de bonita figura; na rua larga do Rozario, n. 26, segundo andar.

— Vende-se superior palha de carnauba; na rua da Cruz n. 64.

— Vende-se, por preço commodo, para finalisar certas determinações, um sobrado de 2 andares e sotão, na travessa da Madre-de Deus, n. 7, ultimamente reedificado de novo, e que rende annualmente 466,000 rs; tambem se recebem algumas casas terreas em pagamento: na rua da Cruz, n. 50.

= Vendem-se 2 moleques, sem defeitos, e sadios, de 14 a 18 annos; na rua da Cadeia-Velha, n. 30.

— Vendem-se 5 escravos, sendo: um preto, para o serviço de campo; 3 pretas moças, com habilidades precisas para casa de familia, uma engomma; uma parda, de 16 annos, cose e cozinha: no pateo da Matriz, sobrado n. 4.

Presuntos

superiores em qualidades, chegados proximamente de Hamburgo: vendem-se no armazem do Guimarães, defronte da escadinha da alfandega.

— Vendem-se tres moleques de mui lindas figuras, de 12 a 14 annos de idade; um mulato de 24 annos, pouco mais ou menos; uma mulata propria para todo o serviço de casa, e um negro de 30 annos, pouco mais ou menos; todos sem vicio nem achaques: na rua da Cadeia do bairro de Santo-Antonio, n. 25.

— Vende-se superior fogo da China, em caixas de 40 cartas, por preço commodo: na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 25.

— Vende-se um moinho grande de moer café; um torrador; uma balança grande, com 6 arrobas de pesos; dous taixos, de arroba cada uma; tudo junto, ou separado, por preço commodo: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 21.

Escravos Fugidos.

— Continuão a estar fugidos, desde 21 de abril, de bordo do brigue *Mentor*, os 2 escravos marinheiros, José, de nação Gabão, representa 30 annos, estatura baixa, e barbado; e Manoel, de nação Congo, representa 20 e tantos annos, baixo, sem barba: aquelle foi escravo da casa do coronel Bento José da Costa, e foi seductor do segundo, e conhecedor desta provincia: aonde se achar he provavel se inculque por forro. Recommenda-se a todas as autoridades as suas capturas, bem como aos capitães de campo, e offerece-se de gratificação 150,000 rs. a quem os trouxer, reconhecendo-se serem os proprios, os quaes se pagão na rua da Cadeia, n. 45, em casa de Amorim Irmãos.

— Fugio, no dia 13 de maio, o preto Antonio, de Angola, de 26 annos, pouco mais ou menos, alto, barbado, com uma empigem na testa, signal por onde póde ser bem conhecido; quem o pegar, leve a casa de seu senhor, Joaquim da Silva Castro, na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 21, que receberá 50,000 rs. de gratificação.

— O abaixo assignado, morador em Olinda, na rua de Mathias Ferreira, roga a todas as autoridades policiaes, e mais pessoas a apprehensão de uma escrava, de nome Luzia, com os signaes seguintes: crioula, de 30 e tantos annos, bastante alta, espadauda, está magra, desdentada na frente, da parte superior; tem uma cicatriz na face esquerda, e no rosto, em um dos lados, uma marca, que parece ser queimadura, e que pouco apparece; levou um papel, no qual declarava 600,000 rs., ultimo preço, e o sobre-nome Guedes; sahio desde o dia 12 do corrente; quem a pegar será generosamente recompensado = *Antonio Joaquim de Almeida Guedes Alcanforado.*

— De bordo do Patacho *Conceição* fugio, em 25 de março do corrente anno, o mulato claro de nome Christovão, escravo de Boaventura José Rodrigues, da praça do Maranhão, o qual tem por signaes: estatura baixa, cheio do corpo, cabello annelado, tem nas nadegas alguns signaes de castigo, de idade de 34 a 35 annos, he official de alfaiate; e consta estar trabalhando, pelo officio, para a parte da Boa-Vista, tambem he marinheiro de governo, cose panno, e he cozinheiro: quem delle tiver noticia ou apprehender, queira dar ou leva-lo á rua da Moeda, no bairro do Recife, defronte da casa n. 9, que será generosamente recompensado.

— Fugio, no dia 11 do corrente, um preto, de nome Antonio, de nação Angola, representa 28 annos; levou camisa e calças brancas; tem os signaes seguintes: alto, cheio do corpo, rosto comprido, pouca barba; quando falla he com ar de riso; tem um dedo de uma das mãos um tanto encolhido, pés apalhetados: roga-se a todas as autoridades policiaes e as pessoas, por quem possa ser encontrado, de o apprehenderem e manda-lo levar a seu senhor, Joaquim José Dias Pereira, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 21, que se recompensará.

— Fugio, no dia 22 do corrente, as 3 horas, uma preta crioula, de nome Domingas, de 30 annos, pouco mais ou menos, secca do corpo, com falta de dentes; levou vestido de chita de listras escuras, já desbotado: quem a pegar, leve a casa de João Miguel da Costa, na rua da Cruz, n. 48, que será bem recompensado.

PERN.: NA TYP. DE M. F. DE FARIA — 1846